

## **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

### **GT-2 – ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO**

#### **A REPRESENTAÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNEROS: ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO DICIONÁRIO DE GÊNEROS - “SÓ QUEM SENTE PODE DEFINIR”**

**Raimunda Fernanda dos Santos - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**

**Dulce Amélia de Brito Neves - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**

**Laelson Felipe da Silva - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**

**Gisele Rocha Cortês - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**

#### ***THE COLLABORATIVE REPRESENTATION OF INFORMATION AND THE CONSTRUCTION OF DOCUMENTARY LANGUAGES ON GENDER DIVERSITY: ANALYSIS OF THE CONTRIBUTIONS OF THE GENDER DICTIONARY - "ONLY YOU FEEL YOU CAN DEFINE"***

#### **Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** Estuda aspectos relativos à Organização da informação sobre diversidade de gêneros para fins de representação e recuperação da informação. Realiza análise qualitativa dos termos existentes no Dicionário de Gêneros - só quem sente pode definir e no Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres. Objetiva analisar as contribuições do Dicionário de Gêneros - “só quem sente pode definir” para a elaboração e/ou atualização de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros. Especificamente, visa discutir aspectos relativos à representação colaborativa da informação e à diversidade de gêneros como elementos que são construídos socialmente e analisar os descritores incluídos no dicionário em questão objetivando verificar como esse espaço colaborativo pode contribuir para a elaboração de linguagens documentárias mais inclusivas. Tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, documental e exploratória com abordagem qualitativa, pautada em revisão de literatura sobre a Representação Temática e a diversidade de gêneros como uma (re)construção social. Destaca que o Dicionário de Gêneros pode contribuir significativamente para estabilizar a nomenclatura usada pelos membros no intuito de viabilizar o engajamento social. Apresenta como resultado os principais conceitos e verbetes recuperados no Dicionário Colaborativo de Gêneros e analisados para fins de construção e/ou atualização de linguagens documentárias: Agênero, Andrógino, Bigênero, Gênero Fluido, Homem Transgênero, Homem Cisgênero, Mulher Transgênero, Mulher Cisgênero, Pangênero, Transgênero/Transexual, Trangênero/Transexual Não-Binário, Travesti. Conclui ressaltando a necessidade de um estudo mais aprofundado dos conceitos supracitados no intuito de delinear os seus relacionamentos, tendo em vista que nenhum termo pode figurar em um instrumento de controle terminológico sem estar conectado com outro descritor por meio do seu respectivo significado.

**Palavras-Chave:** Organização da Informação; Representação Colaborativa da Informação; Gênero; Identidade de gêneros; Dicionário.

**Abstract:** Studies aspects related to information organization about gender diversity for the purpose of information representation and retrieval. It performs qualitative analysis of the existing terms in the Dictionary of Genres - only those who feel can define and in the Thesaurus for studies of gender and about women. It's objective is to analyze the contributions of the Dictionary of Genders - "only the one who feels can define" to elaborate and/or update documentary languages on gender diversity. Specifically, it intends to discuss some aspects of collaborative representation of information and gender diversity as socially constructed elements and to analyze descriptors from said dictionary with the objective of verifying in which way this collaborative space can contribute to the creation of more inclusive documentary languages. It's methodology is bibliographical, document and exploratory research from a qualitative approach, based on literature review about Thematic Representation and on gender diversity as a social (re)construction. It highlights that the Dictionary of Genders can contribute significantly to stabilize nomenclature used by it's members to enable social engagement. As results, it shows the main concepts and entries retrieved from the Dictionary of Genders and analyzed in order to construct and/or update documentary languages: Agender, Androgynous, Bigender, Gender Fluid, Transgender Man, Cisgender Man, Transgender Woman, Cisgender Woman, Pangender, Transgender/Transsexual, Non-Binary Transgender/Transsexual, Transvestite. It concludes highlighting the need for more in-depth studies of said concepts in order to develop their relations, for no term can figure in controlled vocabulary instruments without connections to other descriptors through their respective meanings.

**Keywords:** Information Organization; Collaborative Representation of Information; Gender; Gender identity; Dictionary.

## **1 INTRODUÇÃO**

A explosão da informação e o advento das novas formas de registrá-la culminaram na complexidade do trabalho de identificação e acesso à informação. Nesse entendimento, tornar as informações acessíveis para os/as usuários/as que delas necessitam constituiu-se uma das preocupações centrais da Ciência da Informação. Assim, para que os registros documentais sejam recuperados, é necessária a realização de um conjunto de procedimentos que visam facilitar o seu acesso pela atual e futura geração.

Nessa perspectiva, a indexação consiste na descrição do conteúdo de um documento de forma concisa e condensada por meio do emprego de termos (também denominados como palavras-chave ou descritores) que exercem a função de pontos de acesso, mediante os quais um documento pode ser identificado e recuperado. Destarte, para a realização dessa atividade existem as linguagens documentárias/vocabulários controlados, ou seja, instrumentos tradicionais de representação da informação que objetivam facilitar a comunicação por meio da padronização de termos para a descrição dos conteúdos dos documentos (SANTOS, 2016).

A ambiência da *Web*, por sua vez, permite que os/as próprios/as usuários/as participem ativamente no processo informacional. Sendo assim, diante das possibilidades atuais de interatividade e dinamismo, as práticas colaborativas de produção e representação dos conteúdos na *Web* são assim estimuladas contribuindo para a formação de uma memória coletiva, surgindo a tendência de representar a informação por meio da livre expressão, do sentimento e do entendimento dos/as usuários/as.

Nesse segmento, mediante o crescente aumento na produção de documentos e na participação ativa dos/as usuários/as em ambiente digital, surge uma nova prática de organização e representação das informações em que não se adota regras ou políticas de indexação, visando o controle do vocabulário empregado para a descrição dos recursos. Essa classificação é denominada de Folksonomia (também designada de classificação social), que é baseada na filosofia colaborativa, resultante dos preceitos de interatividade da *Web 2.0*<sup>1</sup>, a qual possibilita que os/as usuários/as representem os recursos existentes de forma colaborativa podendo ser ao mesmo tempo autores/as, editores/as, disseminadores/as e indexadores/as das informações.

A nossa sociedade constrói representações sociais em torno das características físicas e anatômicas dos corpos, em geral baseadas em modelos binários que limitam potencialidades de mulheres e homens. Partindo da perspectiva das construções culturais dinamizadas ao longo da história, torna-se importante conhecer e visibilizar termos condizentes com a pluralidade e diversidade de gênero. Nesse entendimento, mediante a possibilidade de questionar e (re)significar termos antes rígidos e diante do papel social da linguagem, que pode acentuar distinções e reforçar desigualdades, por meio da Folksonomia, os atores têm a possibilidade de construir um vocabulário colaborativo através do qual se sintam representados.

Sob esse viés, é evidente que a Folksonomia também possibilita a construção de ambientes em que os desejos e as posições dos/as usuários/as são produzidos como padrões por meio de um discurso de categorização que possibilite a construção e atualização de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros para fins de recuperação, acesso e uso da informação em sistemas.

---

<sup>1</sup> *Web 2.0* ou *Web social* consiste em um termo utilizado para designar uma segunda geração de serviços oferecidos pela Internet permitindo que as pessoas interajam por meio de ações espontâneas, descentralizadas e participativas associadas à produção, organização e disseminação de informações na *Web*.

A concretização dessa possibilidade pode ser apreciada neste trabalho a partir da análise qualitativa dos termos existentes no Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres e do Dicionário Colaborativo de Gêneros<sup>2</sup>, cuja epígrafe “só quem sente pode definir”. Esse último representa, além da possibilidade da construção colaborativa de um dicionário, a apresentação de terminologias que permitem representar a diversidade de gênero. O dicionário foi criado pela Organização AfroReggae e pela Agência Artplan e consiste em um espaço colaborativo que busca a inclusão da diversidade de gêneros por meio da língua reunindo representantes de diversos gêneros, bem como as interpretações de cada indivíduo sobre a própria identidade.

Mediante tais considerações, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as contribuições do Dicionário de Gêneros – “só quem sente pode definir” para a elaboração e/ou atualização de linguagens documentárias a respeito da diversidade de gênero. Para tanto, tem como objetivos específicos: a) discutir aspectos relativos à representação colaborativa da informação e à diversidade de gênero como elementos que são construídos socialmente; e b) analisar os descritores incluídos no Dicionário, objetivando verificar como esse espaço colaborativo busca a inclusão da diversidade de gêneros e contribui para a elaboração e/ou atualização de linguagens documentárias sobre a temática.

Em linhas gerais, acredita-se que a presente pesquisa é relevante para a Ciência da Informação, uma vez que contribui para a produção científica sobre a Organização e Representação do Conhecimento. Ela leva em consideração a perspectiva de que a Folksonomia oferece um potencial emancipatório contra noções autorizadas ou discriminatórias de gênero e sexualidade, fornecendo espaços para uma multiplicidade de representações e expressões de gênero nos sistemas de recuperação da informação. Outrossim, esta pesquisa traz significativas contribuições para a área, haja vista a carência de estudos sobre LGBTs e gênero na Ciência da Informação, conforme foi perceptível nos resultados das buscas em bases de dados que agregam as produções científicas dessa área do conhecimento como a BRAPCI (Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação)<sup>3</sup> e a Base PERI<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://dicionariodegeneros.com.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

## **2 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO**

Uma das preocupações primordiais na Ciência da Informação consiste em tornar a informação acessível para aqueles/as que dela necessitam já que os itens informacionais devem passar por um conjunto de tarefas de armazenamento, organização e representação para que seja possível a sua recuperação em tais sistemas (acesso). Assim, para que os registros documentais sejam recuperados, é necessária a realização de um conjunto de procedimentos que facilitem o seu acesso pela atual e futura geração.

Nesse entendimento, a representação temática da informação centra-se nas questões relativas "à análise, descrição e representação do conteúdo dos documentos, bem como suas inevitáveis interfaces com as teorias e sistemas de armazenamento e recuperação da informação" (BARITÉ, 1999, p. 124). A indexação, por sua vez, consiste em uma atividade integrante da representação temática da informação e apresenta etapas de caráter integrativo.

Sob esse viés, a indexação consiste em uma "combinação metodológica altamente estratégica entre o tratamento do conteúdo do documento e a sua recuperação por um[a] usuário[a]", demonstrando uma relação direta entre o processo e a finalidade da indexação, que visa a disponibilização de informações pertinentes às necessidades dos/as usuários/as (FUJITA, 2003, p. 61).

Mediante tais considerações, de acordo com Dias e Naves (2007), a indexação consiste na ação de descrever um recurso em relação ao seu conteúdo por meio de termos, também denominados palavras-chave ou descritores. Nesse entendimento, de acordo com Santos (2016), em um sistema de recuperação da informação, os termos são pontos de acesso para os documentos, levando em consideração que é possível recuperar esses objetos informacionais sob qualquer um dos termos que foram empregados no sistema no ato da sua representação ou até mesmo por meio da combinação deles. Em outras palavras, esses descritores são atribuídos pelo indexador (pessoa responsável por realizar a atividade de indexação) e exercem a função de pontos de acesso, mediante os quais um documento é identificado e recuperado.

Nessa concepção, para fins de indexação, existem as linguagens documentárias/vocabulários controlados os quais são instrumentos que visam facilitar a comunicação mediante a padronização de termos para a descrição de conteúdos como os tesouros, as ontologias e as taxonomias. Verifica-se que tais instrumentos objetivam controlar

as dispersões lexicais existentes nas linguagens naturais, orientando o/a indexador/a na escolha dos termos para representar o assunto dos documentos. Eles atuam também como instrumentos de comunicação entre a linguagem dos/as usuários/as e a linguagem do sistema.

Tais instrumentos possibilitam a realização da representação temática intimamente relacionada com a ideia do/a autor/a do documento a ser indexado; a ampliação dos métodos de busca no sistema, o controle dos termos com polissemia e sinonímia; a aproximação entre a linguagem natural (do/a usuário/a) e a linguagem adotada pelo sistema de recuperação de informação.

Frente ao crescente aumento na produção de documentos e à participação ativa dos/as usuários/as em ambiente digital, a representação colaborativa da informação se apresenta como nova interface entre usuários/as e informação em rede. Nessa concepção, de acordo com Santos e Corrêa (2015), a Folksonomia consiste no resultado do processo de etiquetagem livre (atribuição de etiquetas, palavras-chave) realizada pelos/as usuários/as, mediante o emprego de termos provenientes de linguagem natural - dispensando o auxílio de vocabulários controlados - em ambientes digitais colaborativos, visando indexar recursos informacionais compartilhados em qualquer formato (textos, imagens, áudio, vídeo etc.) para fins de sua representação.

A livre inclusão de metadados por usuários/as ou grupos de pessoas e a utilização de uma linguagem natural para a representação da informação são características básicas inerentes à Folksonomia, uma vez que ela tem como um de seus elementos a abordagem *bottom-up*<sup>5</sup>. No que concerne à livre inserção de descritores para representar os recursos, verifica-se que as *tags*<sup>6</sup> podem ser baseadas em perspectivas como "assunto, forma, propósito, tempo, tarefa ou status afetivo ou reações críticas e uma miríade de outros motivos" (VIERA; GARRIDO, 2011, p.8).

De acordo com Santos (2016), o alto grau de liberdade para a categorização no âmbito dos sistemas colaborativos acentua a descentralização no processo de representação da informação, pois quem classifica o conteúdo são as próprias pessoas interessadas nele. Elas têm diversos graus de subjetividade e envolvimento tanto de conhecimento, quanto por

---

<sup>5</sup> A abordagem *bottom-up* (em português, de baixo para cima) diz respeito à estrutura que é centrada no/a usuário/a para a participação ativa na produção e consumo de informações em ambientes colaborativos.

<sup>6</sup> Etiqueta, descritor, termo ou palavra-chave.

experiência ou sentimento, o que pode gerar resultados positivos e negativos no que concerne à representação e recuperação da informação em ambientes digitais.

O estudo realizado por Adler (2009) revela duas características marcantes da Representação Colaborativa da Informação: 1) há um grau de consenso quanto à etiquetagem dos recursos por parte dos/as usuários/as em um sistema de recuperação; 2) há o alcance visível e negociável das expressões de vozes minoritárias nos ambientes colaborativos, uma vez que os termos atribuídos são estabelecidos pelas convenções sociais da linguagem e da ideologia. Portanto, a Folksonomia reflete as relações entre a linguagem e a comunidade, resultando em práticas e vocabulários diferentes daqueles presentes em discursos autorizados e normalizados (como os tesouros, as taxonomias e as ontologias). Assim, a Folksonomia pode oferecer também meios eficazes para a busca, recuperação, acesso e uso das informações.

Fichter (2006) e González (2011), por exemplo, destacam em suas pesquisas que algumas características assinaladas como vantagens da Folksonomia estão relacionadas à flexibilidade e à colaboração na descrição dos recursos, bem como à capacidade para a contribuição para a atualização dos conceitos presentes em vocabulários controlados utilizados na representação da informação. Além disso, é possível analisar quais termos estão sendo mais empregados pelos/as usuários/as, assim como a evolução desses de acordo com a comunidade que os emprega.

Nessa perspectiva, de acordo com Santos (2016) quanto mais um objeto informacional é etiquetado com uma determinada *tag* pelos/as usuários/as de um sistema, mais essa categoria de classificação é assumida e "reconhecida" pela rede de usuários/as como descritor relevante, o que contribui também para a atualização do vocabulário empregado por uma determinada área do conhecimento.

A atualização do vocabulário para a representação da informação não acontece frequentemente no âmbito das taxonomias e dos sistemas hierárquicos, fazendo com que fiquem desatualizados facilmente. Além disso, de acordo com Quintarelli (2005), as linguagens documentárias por si só não têm capacidade de resolver todos os problemas relativos à representação e à recuperação da informação nos sistemas.

Brandt e Medeiros (2010) destacam que o fato de a Folksonomia ser construída por meio das representações realizadas pelos/as próprios/as usuários/as de um sistema lhe confere um aspecto relevante no que se refere à garantia de uso, na perspectiva de que os

termos usados para representar um determinado objeto informacional são os mesmos que serão utilizados para recuperá-lo posteriormente. Ainda de acordo com essas autoras, a Folksonomia pode certamente ser considerada como uma estrutura de representação do conhecimento.

As práticas colaborativas de representação de conteúdo na *Web* pela Folksonomia permitem também ressignificar termos baseados em discriminações e preconceitos, levando em conta as dimensões éticas da representação do conhecimento e as suas contribuições para a criação e/ou atualização de instrumentos de controle terminológico (PINHO, 2010).

Ademais, corroborando as ideias explicitadas anteriormente, Weller (2007) e Yedid (2013) acrescentam que a Folksonomia é composta de metadados criados pelos/as usuários/as em linguagem natural e não objetiva substituir os vocabulários controlados como as ontologias, os tesouros e as taxonomias – uma vez que nem sempre as *tags* são puramente efetivas para a indexação e podem implicar negativamente no processo de representação e recuperação da informação. Entretanto, se bem trabalhada, a Folksonomia pode ser considerada como um complemento para aqueles sistemas que desejam melhorar o seu processo de organização e representação da informação aproveitando a participação dos/as usuários/as.

Para dar seguimento a essas considerações, a seção a seguir discorre acerca da diversidade de gêneros como (re)construção social.

### **3 DIVERSIDADE DE GÊNERO: UMA (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL**

Mesmo diante da generalização e pluralidade com a qual as linguagens documentárias tentam representar a informação, por vezes esses instrumentos podem reproduzir (mesmo que não intencionalmente) as relações de poder que se refletem na própria língua, à medida que nela estão consolidadas concepções ideológicas.

Bauman (2001) retrata a incongruência de uma linguagem idiossincrática no contexto pós-moderno (ou na modernidade líquida, como é denominada a sociedade atual). Mesmo que essa linguagem seja estabelecida em meio a relações distantes e fluídas, esse autor afirma ainda que “o que quer que seja nomeado [...] só o é propriamente se os nomes escolhidos forem de domínio público, se pertencem a uma linguagem [...] e forem compreendidos pelas pessoas que se comunicam nessa linguagem” (BAUMAN, 2001, p.81). Desse modo, a linguagem é imbuída do contexto social inerente à sua construção, tendo assim a capacidade

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

de reiterar as diferenças e fortalecer as paridades e/ou disparidades. Um exemplo dessa lógica é a palavra sexo usada para caracterizar o masculino e o feminino acentuando, significando e dando validade às ações dos sujeitos (SCOTT, 1995; LOURO, 2008).

Segundo Bufrem e Nascimento (2012), mesmo que muitas vezes as características atribuídas aos gêneros respeitem o contexto social e histórico apresentando variações locais nas determinações dos papéis psicológicos, sexuais e culturais dos sujeitos, estas especificidades espaço-temporais convergem ao modelo utilizado para determinar o (in)adequado remetendo tudo que dele se distancie ao estranhamento. Este tal modelo é, há muito, o homem branco heterossexual de classe média (LOURO, 2008).

Ainda que a característica do sexo seja identificada ao nascimento de todo ser humano - que somente representa seus caracteres biológicos ligados ao conjunto de características físicas e em regra apontados pelos órgãos sexuais, determinando se indivíduo é macho, fêmea ou intersexo (OLIVEIRA, 2012) - algumas teorias se utilizaram de determinantes biológicos, tendo em vista que gozavam de respaldo científico para alicerçar conceitos que predeterminavam papéis a serem seguidos por esses indivíduos por meio do binarismo macho-fêmea. Entretanto, essa justificativa pseudocientífica não representa se não “todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade [...], é segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75). Dessa maneira, padrões sociais rígidos tendem a direcionar os sujeitos - mesmo que esses padrões não os representem - guiando-os de forma muitas vezes inquestionável por um caminho previamente traçado sem considerar as formas múltiplas pelas quais os indivíduos podem se expressar e vivenciar sua sexualidade.

O termo “gênero configura-se como conceito e categoria analítica que permite distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (SCOTT, 1995, p. 75). Isso não significa que não haja a possibilidade de estarem envolvidos quesitos biológicos na construção da sexualidade, embora seja necessário refletir a prevalência dos fatores histórico-culturais na construção humana (DINIS, 2013).

Portanto, os sujeitos podem se apresentar diante de sua orientação sexual como heterossexuais, homossexuais, bissexuais e por vezes assexuados, relacionando-se sexual e/ou afetivamente com outros sujeitos de sexo diferente, do mesmo sexo, de ambos os sexos e com nenhum desses, respectivamente. A partir das discussões até aqui apresentadas, a

distinção sexo-gênero-sexualidade possibilita compreender a sexualidade como as múltiplas maneiras construídas histórico-culturalmente de experimentar prazeres e desejos na relação com uma outra pessoa (DINIS, 2013).

Nesse sentido, a identidade de gênero pode ser entendida como o hermético emaranhado de crenças e sentimentos do sujeito sobre si mesmo, referindo-se a uma percepção da sua própria masculinidade, como também da feminilidade (SPÍNOLA-CASTRO, 2005). Isso porque “os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero” (LOURO, 2008, p. 26).

Contudo, Louro (2008, p. 2) ainda afirma que “tanto na dinâmica do gênero quanto na dinâmica do sexo as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas em um determinado momento pois estão sempre se constituindo, uma vez que são instáveis e, portanto, passíveis de transformação”.

Até aqui foram postas, de maneira sucinta, categorias como sexo, identidade de gênero e orientação sexual. Entretanto, a brevidade com a qual esses termos foram abordados até então nesta pesquisa foi proposital, uma vez que os seus desdobramentos são diversos e por vezes complexos. Não é a intenção (diante da característica deste estudo) apresentar uma classificação que não represente uma composição colaborativa.

Ainda é válido evidenciar que, embora os modelos preestabelecidos sejam questionados mediante visões e concepções culturais, o ser humano é um ser cultural. Mesmo que se crie e recrie termos dentro de uma determinada linguagem, eles estarão sempre viesados pelo mundo que os cerca e nunca estarão isentos do viés de suas relações sociais que se dão em um determinado lugar/tempo. Como defende Sardenberg (2015, p. 61) ao tratar de gênero e as problemáticas oriundas desses aspectos, “a forma que essas relações tomam em um determinado contexto é sempre histórica, social e culturalmente específica: não pode nunca ser deduzida de como se expressam em outros contextos”.

É assim que abordagens como a da interseccionalidade<sup>7</sup> não podem deixar de ser observadas em um trabalho sobre gênero, ou quaisquer outros de escopo social e sociológico, pois o sujeito (diante das perspectivas de gênero e diante de uma classificação flexível à sua identidade) não se vê apenas como macho ou fêmea, homem ou mulher, homo ou

---

<sup>7</sup> Interseccionalidade é o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. (SARDENBERG, 2015).

heterossexual, é também participante de uma determinada classe social, de uma etnia e de uma faixa etária, por exemplo. Dessa maneira, sua identidade é complexa e não pode ser apenas observada sob o prisma do gênero sem considerar os demais marcadores sociais de diferenças. As construções de gênero foram e são construídas dentro de contextos sociais e se imbricam em outras construções e relações socioculturais.

Concorda-se com Sardenberg (2015, p. 59) quando afirma que “[...] ainda que privilegiando o enfoque de gênero, reconheço que nem tudo é ‘uma questão de gênero’ e, assim, que no contexto da vida social, ‘gênero’ não é vivenciado separadamente. Precisamos, pois, pensar em instrumentos conceituais que nos permitam identificar e analisar como estruturas de privilégio e opressão se inter cruzam em diferentes níveis [...]”

Nesse entendimento, as reflexões sobre diversidade de gêneros e Organização da Informação se apresentam imprescindíveis às perspectivas de estudos da Ciência da Informação visto que buscam uma linguagem que não seja excludente e questione modelos de classificação cuja inflexibilidade impede que se represente a diversidade humana de maneiras menos díspares. Os estudos de gênero não só questionam a linguagem propriamente dita e os conceitos associados a ela. Eles buscam também problematizar os papéis construídos socialmente com base nos sexos e/ou em distinções que em nada se justificam se não pelas convenções apresentadas por um (in)consciente coletivo talhado há muito tempo e incapaz conter as expressões da diversidade de gênero em qualquer época.

Tal qual outro aspecto social, a linguagem passa a ser significada e ressignificada a partir dessa possibilidade de (re)classificação colaborativa em ambientes digitais por meio da Folksonomia. Sendo assim, diante da possibilidade de questionar e (re)significar termos antes rígidos, e diante da relevância social da linguagem para acentuar distinções e reforçar ou subverter desigualdades, os sujeitos têm a possibilidade de compor um vocabulário por meio do qual sintam-se representados nas suas distinções em relação aos padrões anteriormente estabelecidos.

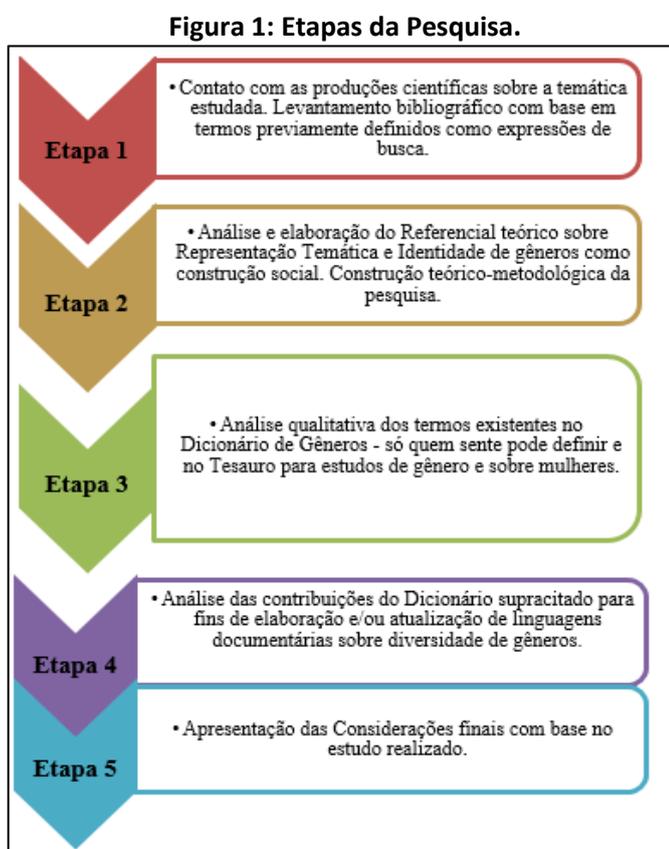
#### **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa é de caráter qualitativo, já que ela estabelece ligações entre os aspectos teóricos e conceituais utilizados nas discussões abordadas no estudo e a análise qualitativa dos termos do Dicionário de Gêneros e do Tesouro para estudo de gêneros e sobre mulheres.

Os buscadores *Google Acadêmico*<sup>8</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>9</sup>, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*<sup>10</sup>, Portal de Periódicos da CAPES<sup>11</sup> configuraram-se como fontes informacionais para estabelecimento do corpus teórico do estudo.

Com vistas a identificar e comparar os termos sobre diversidade de gênero realizou-se pesquisa documental no “Dicionário de Gêneros: só quem sente pode definir”<sup>12</sup> e no Tesouro para estudo de gêneros e sobre mulheres<sup>13</sup> das autoras Bruschini; Ardaillon e Unbehaum (1998).

Na Figura 1 são descritas as etapas realizadas para o desenvolvimento da presente pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 19 maio. 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 19 maio. 2017.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 19 maio. 2017.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez18.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 19 maio. 2017.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://dicionariodegeneros.com.br/>> . Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/tesouro/arquivos/TPEDGESM.pdf>>. Acesso em: 20 junho 2017.

Para dar segmento a essas considerações, a seguir serão apresentados os resultados da análise qualitativa dos termos existentes no Dicionário de Gêneros - só quem sente pode definir e do Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres. Além disso, são apresentadas as contribuições do Dicionário supracitado para fins de elaboração e/ou atualização de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros.

É importante ressaltar que para a análise dos termos provenientes do Dicionário mencionado anteriormente foram levados em consideração os descritores e os verbetes elencados pelos/as usuários/as no período de maio de 2016 a junho de 2017 nesse instrumento colaborativo – haja vista o caráter dinâmico e interativo do sistema, bem como a atualização contínua das descrições nesse contexto.

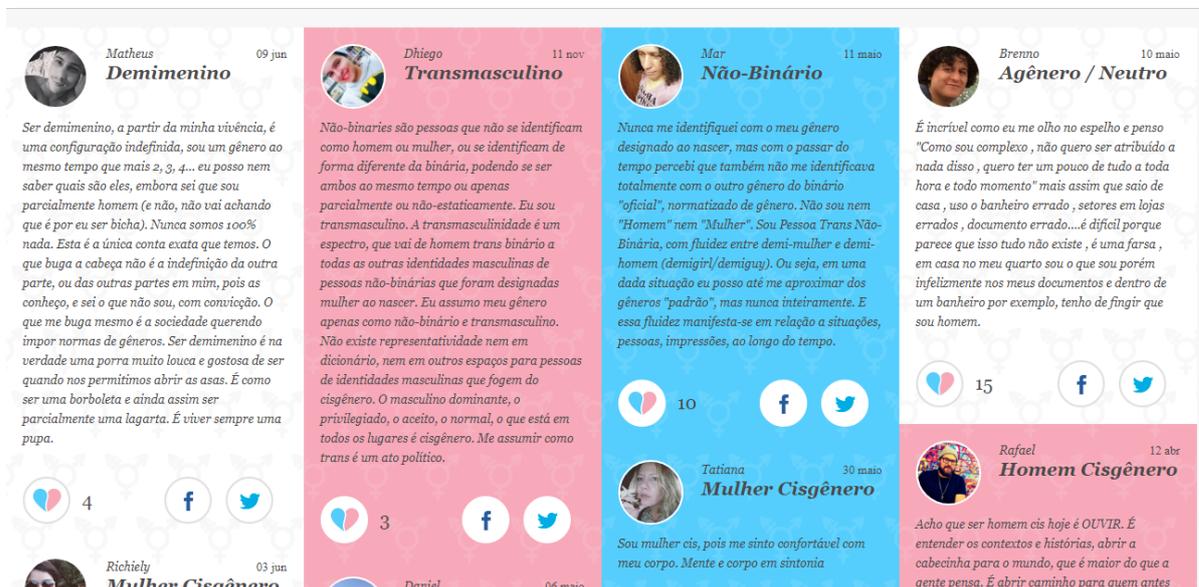
## **5 ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO DICIONÁRIO DE GÊNEROS “SÓ QUEM SENTE PODE DEFINIR”**

O Dicionário de Gêneros consiste em um espaço colaborativo que busca a inclusão da diversidade de gêneros através da língua - uma vez que agrega representantes de diversos gêneros e as interpretações de cada um deles sobre a própria identidade. Para a criação do Dicionário dezenas de pessoas foram consultadas para definir mais de 60 gêneros distintos.

Mediante as análises realizadas, observou-se que os desejos e as posições dos sujeitos são produzidos por meio de um discurso de categorização hierárquica e de classificação. As práticas de etiquetagem com verbetes que apresentam descrições de gêneros, nesse espaço colaborativo, servem de referência para o desenvolvimento de nomenclaturas de gênero, pois revelam como os membros se veem e como veem os outros por um mecanismo de disseminação da representação sexual.

As *tags* disponíveis no Dicionário de Gêneros revelam uma nomenclatura e classificação social altamente desenvolvida e variada. No entanto, acredita-se que esse vocabulário não é puramente particularista e idiossincrático, uma vez que é regulado pelas convenções sociais da linguagem e da ideologia. Além disso os membros desenvolvem essas classificações de maneira fundamentalmente comunal e suas descrições podem ser compartilhadas e problematizadas. Sendo assim, observou-se que o objetivo das *tags* atribuídas pelos sujeitos é nomear e estruturar o gênero e o ser sexual dentro de uma rede social mais ampla, conforme é possível perceber na Figura 2.

**Figura 2: Apresentação dos termos e verbetes pela comunidade de usuários/as no Dicionário de Gêneros.**



Fonte: <<http://dicionariodegeneros.com.br/#home>>.

Um aspecto importante a ser destacado é que a colaboração dos sujeitos envolvidos na construção do Dicionário de Gêneros – só quem sente pode definir foi submetida à avaliação no intuito de verificar a estrutura dos termos e a maneira como os/as usuários/as os empregavam. Dessa forma, os termos mais evidenciados no período de maio de 2016 a junho de 2017 nesse instrumento colaborativo e os seus respectivos verbetes são apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1: Termos apresentados no Dicionário de Gêneros**

Termos	Verbetes
Agênero	Que ou pessoa que não se identifica com nenhum gênero existente, nem se comporta socialmente como tal mantendo a identidade dentro do espectro não binário da generidade.
Andrógino	Que ou pessoa que não se identifica apenas com os gêneros binários (homem e mulher), mas que em sua identidade carrega características e comportamentos desses gêneros.
Bigênero	Que ou pessoa que se identifica com ambos os gêneros, feminino e masculino, alternada e/ou simultaneamente
Gênero Fluido	Pessoa que flui entre os gêneros masculino, neutro e feminino, conforme se sinta em cada dia e em cada momento, inclusive, algumas vezes no mesmo dia.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Homem transgênero	Pessoa que não se sente de acordo com o gênero relacionado a seu sexo biológico e, por isso, transitou para o gênero masculino (sem necessariamente ter feito uso de hormônios ou procedimentos cirúrgicos).
Homem cisgênero	Pessoa em constante reconstrução social, que tem o sexo de nascimento conectado com o gênero masculino, enxergando-se biológica e socialmente como homem.
Mulher transgênero	Pessoa que não se sente de acordo com o gênero relacionado a seu sexo biológico e, por isso, transitou para o gênero feminino (sem necessariamente ter feito uso de hormônios ou procedimentos cirúrgicos)
Mulher cisgênero	Pessoa em constante reconstrução social, que tem o sexo de nascimento conectado com o gênero feminino, enxergando-se biológica e socialmente como mulher
Pangênero	Que ou quem possui uma identidade de gênero não normativa e adota papéis sociais de diversos gêneros na sua própria construção, podendo identificar-se tanto com o feminino, quanto com o masculino (alternadamente ou simultaneamente) e até com nenhum dos dois, assim como com todas as possibilidades de identificação pessoal.
Transgênero / Transexual	1 – Que ou pessoa que possui identidade de gênero diferente da designada ao nascimento e realiza ou não transição para se redesignar socialmente quanto ao mundo como se vê e sente. 2- Que ou pessoa que pode optar por realizar a redesignação sexual por meio de intervenção médica (terapia de reposição hormonal e Cirurgia de Redesignação Social – CRS).
Transgênero/ Transexual Não-Binário	Quem não é exclusivamente homem ou mulher; quem se recusa a ter que necessária e/ou unicamente entrar na binariedade de gênero ou deixar que ela o restrinja (alguns podem identificar-se como gender-queer – termo que abrange várias identidades diferentes dentro de si)
Travesti	Que ou pessoa que, designado como gênero masculino no nascimento, objetiva a construção do feminino, podendo incluir ou não procedimentos estéticos e cirúrgicos.

**Fonte: Elaboração própria com base na análise do Dicionário de Gêneros.**

Conforme é perceptível no Quadro 1, os seguintes termos foram evidenciados e representados pelos/as usuários/as do Dicionário de Gêneros: Agênero, Andrógino, Bigênero, Gênero Fluido, Homem Transgênero, Homem Cisgênero, Mulher Transgênero, Mulher Cisgênero, Pangênero, Transgênero/Transexual, Transgênero/Transexual Não-Binário, Travesti.

É importante ressaltar que a apresentação dessas classificações foi baseada na incidência dos termos e verbetes no Dicionário em questão. Sendo assim, mediante as análises realizadas, observou-se no Dicionário de Gêneros que os termos “Transgênero” e “Transexual” foram representados e descritos como sinônimos pelos/as usuários/as – uma vez que são descritores associados com a comparação do gênero com o gênero designativo.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Nessa perspectiva, ambos podem contribuir para a construção de remissivas e/ou notas de escopo em instrumentos de representação da informação sobre diversidade de gêneros, levando em conta a garantia de uso. Dessa forma, acredita-se que os mesmos termos usados no Dicionário de gêneros poderão ser utilizados pelas pessoas para recuperar objetos e recursos informacionais sobre a temática em qualquer sistema de recuperação da informação.

Diante do exposto, acredita-se que os termos elencados no Quadro 1 e as suas respectivas descrições podem contribuir de forma significativa para a construção e/ou atualização e linguagens documentárias (como tesouros, ontologias ou taxonomias), especialmente em ambientes informacionais que contemplem recursos/objetos sobre diversidade de gêneros. Considerando que tais representações foram elencadas pelos/as próprios/as usuários/as, elas contam com a garantia de uso na construção e/ou atualização de tais instrumentos.

Contudo, para a construção e/ou atualização de linguagens documentárias sobre Diversidade de Gêneros se faz necessário um estudo mais aprofundado dos conceitos elencados anteriormente e os seus relacionamentos, tendo em vista que nenhum termo pode figurar em um instrumento de controle terminológico sem estar conectado com outro descritor pelo seu respectivo significado.

Quanto à análise comparativa dos Termos existentes no Tesouro para estudos de Gênero e sobre mulheres com os descritores presentes no Dicionário de Gêneros, foi possível identificar que o Tesouro não apresentou nenhum termo similar àqueles existentes no Dicionário Colaborativo – resultando na inviabilidade de criação de um quadro comparativo dos termos evidenciados em ambos os instrumentos. Além disso, verificou-se que os descritores presentes no Tesouro são genéricos apresentando apenas o significado do termo “Gênero” como “Princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres” (BRUSCHINI; ARDAILLON; UNBEHAUM, 1998). Na oportunidade, esse instrumento orienta que o termo “Gênero” seja usado para todas as referências de ordem social ou cultural e o termo “Sexo” seja empregado para as referências de ordem biológica.

Com base nesses resultados, observou-se que tais ocorrências demonstram um distanciamento linguístico no que concerne aos termos em ambos os instrumentos supracitados. A língua é um fenômeno dinâmico que implica em uma mutabilidade de significados. Acredita-se que os descritores presentes no Dicionário Colaborativo não foram

encontrados no Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres já que esse último foi publicado no ano de 1998 e contemplou mais termos associados aos estudos sobre Mulheres e descritores relativos à sexualidade, não abrangendo relações que explicitem a diversidade de gêneros. Tal característica pode ser caracterizada como uma falha desse instrumento de representação da informação.

As observações supracitadas podem ser decorrentes do distanciamento temporal de pouco mais de 19 anos desde a publicação do Tesouro até a presente data, o que evidencia a necessidade de criação e/ou atualização das linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros, colaborando para uma melhor concepção das questões sociais a partir da criação e classificação de termos que as designem melhor.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da discussão dos aspectos relativos à representação colaborativa da informação e à diversidade de gênero como elementos que são construídos socialmente, observou-se que a representação colaborativa da informação se desenvolve dentro das convenções de uma linguagem particular e contribui para uma ideologia cultural mais ampla, incluindo uma série de expressões de gênero. Nessa perspectiva, a Folksonomia pode oferecer um potencial emancipatório contra noções autorizadas ou prescritas de gênero e sexualidade em sistemas de informação, revelando nomenclaturas desenvolvidas e variadas, tendo em vista que tanto a indexação colaborativa como a diversidade de gêneros são construções empreendidas por um conjunto de instâncias sociais e culturais.

Por conseguinte, pela análise dos descritores incluídos no Dicionário de Gêneros verificou-se que esse espaço colaborativo pode contribuir significativamente para estabilizar a nomenclatura, usada por seus membros no intuito de estruturar seu próprio gênero e sexualidade viabilizando, por um lado o seu engajamento social e, por outro, a construção e/ou atualização de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros. A construção e/ou atualização de instrumentos de representação da informação deve considerar a avaliação dos limites e obsolescência do significado dos termos, uma vez que eles mudam ao longo do tempo pelo fato de fazerem parte de uma construção social.

Conforme apresentado, a Folksonomia é composta de metadados criados pelos usuários/as em linguagem natural e não objetiva substituir os vocabulários controlados como as ontologias, os tesouros e as taxonomias, uma vez que nem sempre as *tags* são puramente

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

efetivas para a indexação. Entretanto, se bem trabalhados, os termos podem ser considerados como um complemento para aqueles sistemas que desejam melhorar o seu processo de organização e representação da informação aproveitando a participação dos/as usuários/as.

Para a construção e/ou atualização de linguagens documentárias sobre Diversidade de Gêneros se faz necessário um estudo mais aprofundado dos seguintes conceitos: Agênero, Andrógino, Bigênero, Gênero Fluido, Homem Transgênero, Homem Cisgênero, Mulher Transgênero, Mulher Cisgênero, Pangênero, Transgênero/Transexual, Transgênero/Transexual Não-Binário, Travesti. Na oportunidade, deverão ser estudados os relacionamentos entre esses conceitos, tendo em vista que nenhum termo pode figurar em um instrumento de controle terminológico sem estar conectado com outro descritor por seu respectivo significado.

Em síntese, os instrumentos de controle terminológico sobre diversidade de gêneros, além de sua função de Organização e Representação da Informação, podem apresentar um efeito didático estabelecendo categorias para bibliotecários/as, pesquisadores/as e usuários/as, auxiliando-os/as na indexação e/ou recuperação de materiais informacionais como livros, relatórios, revistas, artigos, notícias, etc.

É, portanto, perceptível que a atividade de representação temática da informação pode colaborar de forma significativa, por meio da ética na Organização da Informação, para a equidade de gênero e respeito às identidades, subvertendo desigualdades, levando em consideração a garantia de uso, e possibilitando que os/as usuários/as se sintam efetivamente representados/as em instrumentos de controle terminológico e em sistemas de recuperação da informação.

## **REFERÊNCIAS**

ADLER, Melissa. Transcending Library Catalogs: A comparative study of Controlled terms in Library of Congress Subjects Headings and User-Generated Tags in Libraything for transgender Books. **Journal of web librarianship**, [S.l.], v.3, n.1, p.309-331, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/DECIN05/Downloads/Adler,%202009.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BARITÉ, Mário. **Formación de recursos humanos en el área de información em el Mercosur: compatibilización curricular y competencias del profesional de la información en el Mercosur**. Santiago, Chile: Universidad Tecnológica Metropolitana, 1999, p.121-128.

BASE DE DADOS REFERENCIAL DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2017. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

BASE PERI. 2017. Disponível em: < <http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDT, Mariana Baptista; MEDEIROS, Marisa Brascher Basílio. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento? **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/489>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra. **Tesouro para estudos de Gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Editora 34, 1998. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/tesouro/arquivos/TPEDGESM.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/11914>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007.

DINIS, Nilson Fernandes. Revisitando o Biomio do sexo-gênero. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p.123-134, jan./jul., 2013 Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/issue/view/1259>> Acesso em: 29 jun. 2016.

FICHTER, Darlene. Intranet applications for tagging and folksonomies. **Trade publication**, [S.l.], v.30, n.3, p.43, 2006. Disponível em: < <https://www.questia.com/magazine/1G1-148931596/intranet-applications-for-tagging-and-folksonomies>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089/2219>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

GONZÁLEZ, José Augusto Chaves. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web: elementos conceituais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, [S.l.], v.19, n.2, p.17-23, ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017

OLIVEIRA, Ana Carolina Gondim de Albuquerque. **Corpos Estranhos?: Reflexões sobre a interface entre a intersexualidade e os direitos humano**. João Pessoa: [S.n], 2012.

PINHO, Fábio Assis. **Aspectos éticos em Representação do Conhecimento em temáticas relativas à Homossexualidade Masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 157f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília, 2010. Disponível em: < [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho\\_fa\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho_fa_do_mar.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

QUINTARELLI, Emanuele. Folksonomies: power to the people. In: INCONTRO ISKO ITALIA - UNIMIB, Milan, 2005. **Anais...** Milan, 2005. Disponível em:  
<<http://www.iskoi.org/doc/folksonomies.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SARDENBEGR, Cecilia. Caleidoscópio de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das reações sociais. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n.2, p. 56-96, 2015. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24125>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos; CORRÊA, Renato Fernandes. Análise e síntese dos diversos usos do termo "Folksonomia" no âmbito da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2015. Disponível em:  
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2891/995>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos. **Modelos colaborativos de indexação social e a sua aplicabilidade na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)**. 184f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em:  
<<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17218>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

SPÍNOLA-CASTRO, Ângela Maria. A importância dos aspectos éticos e psicológicos na abordagem do intersexo. **Arquivo Brasileiro de Endocrinologia e Metabolismo**, São Paulo, v. 49, n 1, p. 46-59, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/sicielo>>. Acesso em: 20 jun 2011.

VIERA, Angel Freddy Godoy; GARRIDO, Isadora dos Santos. Folksonomia como uma estratégia para Recuperação colaborativa da informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v.12, n.2, abr. 2011. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/doritchka/folksonomia-como-estrategia-para-recuperao-colaborativa-da-informao>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

YEDID, Nadina. Introducción a las folksonomías: definición, características y diferencias con los modelos tradicionales de indización. **Información, cultura y sociedad**, [S.l.], v.1, n.29, p. 13-26, dec. 2013. Disponível em:  
<<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/673>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

WELLER, Katrin. Folksonomies and ontologies: two new players in indexing and knowledge organization, **Online Information**, [S.l.], v.2, n.2, p. 108-15, 2007. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/200044245\\_Folksonomies\\_and\\_Ontologies\\_Two\\_New\\_Players\\_in\\_Indexing\\_and\\_Knowledge\\_Representation](https://www.researchgate.net/publication/200044245_Folksonomies_and_Ontologies_Two_New_Players_in_Indexing_and_Knowledge_Representation)>. Acesso em: 31 ago. 2017.